

LIMA E MONTEIRO: ESTUDANDO O PRECONCEITO SÓCIO-RACIAL EM
“CLARA DOS ANJOS” E “NEGRINHA”

Marina Rodrigues de Oliveira

Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral

1. Uma (breve) introdução

O presente artigo tem certo caráter de relato de experiência, uma vez que se baseia em prática desenvolvida pela presente autora com seus alunos dos terceiros anos do Ensino Médio da escola onde leciona – a Escola Estadual de Ensino Médio Severino Cabral –, localizada no conjunto de mesmo nome (Severino Cabral).

As atividades aqui relatadas foram desenvolvidas em três turmas, que, em conjunto, têm cerca de 120 alunos, cujas idades e experiências com a leitura são as mais distintas possíveis. No tocante a este último aspecto, é necessário frisar algumas respostas escritas pelos estudantes, no começo do ano letivo, quando da aplicação de um questionário, onde, dentre outras perguntas, foi feita a seguinte: “Você costuma ler? Se sim, o que (Bíblia, livros, jornais, revistas, gibis...)?”: “Sim, leio a Bíblia e informações virtuais, mas não leio livros direto” (E.L.F.); “Mais ou menos” (L.L.C.); “Costumo ler revistas” (T.S.V.G.); “Não muito. Quando leio, bíblia ou livros” (A.M.L.)

Percebe-se, pelos discursos dos alunos transcritos acima, que a leitura e, principalmente, o texto literário, propriamente dito, não está presente no cotidiano (o mais perto que se chega disso é quando do contato com a Bíblia). Antes, porém, de correr o perigoso risco de fazer um prejulgamento deste fato, cabe destacar que, muitas vezes, o distanciamento entre o aluno e a obra literária dá-se pelo caráter meramente avaliativo, imposto pelo professor, nas atividades que são passadas, conforme destaca Lilian Lopes Martin da Silva, no artigo intitulado “Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano”:

Ler de dois a quatro livros por ano significa ler um livro por semestre ou um livro por bimestre. São duas ou quatro fichas de leitura, duas ou quatro provas de livro, duas ou quatro coisas quaisquer que marcam o final de uma atividade pensada e programada para preencher os períodos que burocraticamente fazem o ano letivo e para ajudar a avaliar o aluno – que deve agir, pensar e aprender nesses períodos e não em outros. (SILVA, 2002, p. 82).

Mas, será possível, diferentemente do que coloca Silva, abordar o texto literário, de uma forma que não se restrinja a um mero cumprimento de notas? E, mais que isso: é

possível abordar o conteúdo obrigatório de uma série e, ainda sim, transcender ao que é imposto pelo livro didático de Língua Portuguesa?

São estas indagações que, se não respondidas totalmente, tentarão ser abordadas e discutidas – ainda que sumariamente, devido ao espaço – neste artigo.

2. Literatura, escola e livro didático: tirando pedras do caminho.

Como já foi acima exposto, a leitura, no contexto escolar, é um assunto bastante delicado, não só pelo fato de, muitas vezes, se tornar algo meramente burocrático – o que destruiria, assim, o prazer do texto, já parafraseando Roland Barthes –, mas, também, por haver um confronto entre o que seria desejável, ao professor, que os alunos lessem, e o que estes, verdadeiramente leem, ou gostariam de ler.

Com isso, não se está afirmando que apenas a leitura dos livros ditos clássicos, canônicos, já meramente aceitos pela sociedade e adotados pelos manuais de Língua Portuguesa, deve ser a única aceita; tampouco, que apenas os *best – sellers* devem estar presentes na sala de aula: tem-se de reconhecer que, infelizmente, nosso ensino ainda é pautado em conteúdos “estanques”, repetidos e repassados há vários anos com *status* de verdades universais. No que diz respeito à Literatura, não é diferente: salvo, em alguns casos, nas famigeradas listas de leitura presentes nos vestibulares que ainda não adotaram o exame nacional do Ensino Médio (ENEM), o programa adotado privilegia os mesmos autores, com suas respectivas obras (ou trechos destas, quando reproduzidas nos manuais).

No que diz respeito, particularmente, aos autores aqui em questão, Lima Barreto e Monteiro Lobato, convém, primeiramente, explicitar como se deu a abordagem destes e, posteriormente, das obras *Clara dos Anjos* e *Negrinha*.

Em um primeiro momento, sondei, oralmente, o quão os alunos conheciam destes dois autores: em relação ao primeiro, poucos alunos tinham alguma noção prévia; no tocante ao segundo, vários o conheciam devido à adaptação recente, feita pela TV Globo, da obra *Sítio do pica-pau amarelo*. O conhecimento prévio, desta forma, se constituiu num aspecto essencial de preparação para as atividades que se seguiram, etapa na qual, conforme destaca Angela Kleiman, em *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*: “(...) o leitor utiliza na leitura o que ele já sabe, o conhecimento adquirido ao longo de sua vida”. (KLEIMAN, 2009, p. 13).

Em um momento posterior, recorri, junto aos alunos, ao livro didático adotado pela escola, “Português linguagem, vol. 3” (William Roberto Cereja e Thereza Cochar

Magalhães), a fim de verificar quais informações constavam sobre Lima Barreto e Monteiro Lobato, bem como que trechos de obras eram trazidos. No tocante ao primeiro, após um enxuto resumo biobibliográfico, acompanhado de uma foto do autor, são trazidos trechos de apenas um capítulo, o último, de *Triste fim de Policarpo Quaresma*; no tocante ao segundo, procedimento semelhante, se diferenciando por abordar uma “divisão” entre as obras “adultas” e as “infantis”, seguida por um trecho da crônica *Urupês*, no qual descreve a figura de Jeca Tatu.

As abordagens de ambos os autores, pelo referido livro didático, se mostraram, assim, insuficientes, tanto em termos de informações, mas, principalmente, no tocante à variação de textos. Fez-se necessário, portanto, expandir o “repertório” literário, o que foi feito de forma gradual: primeiramente, foi lido um conto de Lima Barreto, intitulado *Ele e suas ideias*, no qual foram destacados, principalmente, a forte ironia e crítica social do escritor, e que propiciou o desenvolvimento de outra instância do conhecimento leitor, a linguística, assim definida por Kleiman (2009, p.14-5):

(...)

O conhecimento linguístico desempenha um papel central no *processamento* do texto. Entende-se por *processamento* aquela atividade pela qual as palavras, unidades discretas, distintas, são agrupadas em unidades ou fatias maiores, também significativas, chamadas constituintes da frase. À medida que as palavras são percebidas, a nossa mente está ativa, ocupada em construir significados, e um dos primeiros passos nessa atividade é o agrupamento em frases (daí, essa parte do processamento chamar-se *segmentação* ou *fatiamento*), com base no conhecimento gramatical de constituintes (...).

Posteriormente à etapa de “decifração” linguística, seguiu-se a de entendimento cognitivo, que, segundo Vincent Jouve, na obra *A leitura* (2002, p. 18), assegura a progressão na leitura dos textos literários. No caso da atividade aqui descrita, o entendimento cognitivo possibilitou entender não apenas o conto, mas, ainda, ajudou na contextualização do mesmo e no estudo estilístico de Lima Barreto.

Fazia-se necessário, entretanto, buscar um “elo” que unisse Lima Barreto a Monteiro Lobato, possibilitando o estudo de obras que fossem mais próximas da realidade ou do conhecimento de mundo dos alunos. Para isso, partindo de debates em sala de aula, foi proposta a leitura de duas obras: *Clara dos Anjos* e *Negrinha*.

Tanto *Clara dos Anjos* quanto *Negrinha* abordam a questão da discriminação racial, bem como a violência à jovem de baixa condição social, aspectos, até hoje, observados em nossa sociedade, embora abordados de forma distinta: na primeira obra, a personagem homônima é uma jovem tímida e recatada, filha única, que mora com os

pais, Egrácia e Joaquim, em um subúrbio, sendo superprotegida dos possíveis perigos do mundo; já na segunda obra, a personagem-título é uma pequena órfã, criada em condições subumanas por Dona Inácia, que fora senhora de escravos.

Ainda que tenham histórias aparentemente distintas, as referidas obras, principalmente *Clara dos Anjos*, propiciaram um amplo debate acerca da temática do preconceito sócio-racial, o que “acionou”, nos alunos, outra competência leitora de fundamental importância: a do processo afetivo, assim definido por Jouve (2002, p. 19)

(...)

O charme da leitura provém em grande parte das emoções que ela suscita. Se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção (...).

Os debates surgidos levantaram, principalmente, as diferenças existentes entre o contexto de produção e histórico da obra de Lima Barreto, como, também as eventuais mudanças ocorridas na sociedade brasileira, do começo do século XX até o atual momento, no tocante à estrutura social, assunto este bastante abordado – e de forma crítica – pelo referido escritor carioca, como demonstra H. Pereira da Silva, em *Lima Barreto, escritor maldito* (1981, p. 99):

(...)

A gente humilde, pobre, mulatos, negros, brancos escravizados são a argila e as costelas das personagens que receberam o sopro da sua criação. Eles sobrevivem à degradação social, econômica e psicológica do embriagado Deus que as expulsou do inferno íntimo para o paraíso literário.

No tocante à *Negrinha*, a questão sócio-racial torna-se mais delicada, sobretudo pelas recentes discussões, trazidas à mídia, de uma suposta posição racista de Monteiro Lobato, que estaria presente em suas obras literária. A esse respeito, Marisa Lajolo, no artigo *A figura do negro em Monteiro Lobato*, faz as seguintes considerações:

Efetivamente, a representação do negro, em Lobato, não tem soluções muito diferentes do encaminhamento que a questão encontra na produção de boa parte da intelectualidade brasileira, e não só da contemporânea de Lobato, como vêm ensinando os estudos de Heloísa Toller. Longe de desqualificar a questão, esta ambiguidade torna-a ainda mais relevante (...).

Têm-se, dessa forma, duas posições aparentemente conflitantes: não seria bastante maniqueísta ver Lima Barreto apenas como um escritor que defende os negros, em

oposição a Monteiro Lobato racista? Que critérios, quando adotada estas posições estão, de fato, sendo considerados? Literários? Biográficos? Ambos?

Sejam quais forem, ver as obras de Lima Barreto e Monteiro Lobato apenas sob um viés determinista, no tocante à questão racial, é, no mínimo, minimizá-las. Os eventuais elogios feitos ao primeiro – ainda que se encontrem posições como a de Antonio Candido, que, no ensaio *Literatura e cultura de 1900 a 1945* (2006, p. 123), classifica a ironia do romancista carioca como “superficial” –, em contraposição às enérgicas críticas destinadas ao segundo – estando apoiadas, inclusive, em cartas pessoais escritas pelo autor, nas quais este se mostrava um defensor da eugenia, conforme mostrou reportagem publicada pela revista *Bravo!*, em maio de 2011 –, apenas fazem com que o leitor iniciante, não proficiente ou pouco conhecedor de ambos os escritores tenha resistência a ambos, ou, ainda, uma empatia por um ou outro, posições bastantes perigosas, especialmente se consideramos a realidade do aluno do Ensino Médio, cujo principal critério, muitas vezes, para a leitura de uma obra ou autor, é o subjetivismo, a questão do gostar ou não.

Um passo posterior à leitura e interpretação das obras foi a produção de uma análise comparativa entre ambas as obras, variando de acordo com as turmas: em duas delas, tal atividade foi feita por escrito, seguindo o roteiro abaixo:

Leia os trechos abaixo, retirados das obras “Clara dos Anjos” (Lima Barreto) e “Negrinha” (Monteiro Lobato). Em seguida, escreva uma análise comparativa, destacando: a) as características físicas e psicológicas das personagens (2,0); b) as relações de Clara dos Anjos e Negrinha com as personagens brancas e ricas (3,0); c) O final de Clara dos Anjos e Negrinha (3,0); d) A atualidade das referidas obras (2,0).

TRECHOS DE “CLARA DOS ANJOS” (LIMA BARRETO):

“(…) Eram [Joaquim e Engrácia] casados há quase vinte anos, e esta Clara, sua filha, sendo o segundo filho do casal, orçava pelos seus dezessete anos.

[Clara] era tratada pelos pais com muito desvelo, recato e carinho; e, a não ser com a mãe ou pai, só saía de com Dona Margarida, uma viúva muito séria, que morava nas vizinhanças e ensinava a Clara bordados e costuras”. (Cap. 1).

“(…)”

Clara teve vontade de chorar; mas conteve-se. Estava resolvida: amanhã, pediria um ‘abortivo’ a Dona Margarida.

(…)”

Dona Margarida tocou a campainha com decisão e subiu a pequena escada que dava acesso à casa. Dona Salustiana, que esperava tudo, menos aquela visita portadora de semelhante mensagem, não tardou em mandar entrar as duas mulheres. Ambas estavam bem vestidas e nada denunciava o que as trazia ali. Só Clara tinha os olhos vermelhos de chorar, mas passava

desapercebido. Chegou Dona Salustiana e cumprimentou-as com grandes mostras de si mesma. Dona Margarida, sem hesitação, contou o que havia. A mãe de Cassi, depois de ouvi-la, pensou um pouco e disse com um ar um tanto irônico:

- Que é que a senhora quer que eu faça?
(...)

Ao ouvir a pergunta de Dona Salustiana, [Clara] não se pôde conter e respondeu como fora de si:

- Que se case comigo.

Dona Salustiana ficou lívida; a intervenção da mulatinha a exasperou. Olhou-a cheia de malvadez e indignação, demorando o olhar propositadamente. Por fim, expectorou:

- Que é que você diz, sua negra?" (Capítulo 11)

“(...)

Chegaram em casa; Joaquim ainda não tinha vindo. Dona Margarida relatou a entrevista, por entre o choro e os soluços da filha e da mãe. Em um dado momento, Clara ergueu-se da cadeira em que se sentara e abraçou muito fortemente sua mãe, dizendo, com um grande acento de desespero:

- Mamãe! Mamãe!

- Que é, minha filha?

- Nós não somos nada nesta vida”. (Capítulo 11, final do livro).

TRECHOS DE “NEGRINHA” (MONTEIRO LOBATO)

“(...) Negrinha era uma pobre órfã de sete anos. Preta? Não; fusca, mulatinha escura, de cabelos ruços e olhos assustados.

Nascera na senzala, de mãe escrava, e seus primeiros anos vivera-os pelos cantos escuros da cozinha, sobre velha esteira e trapos imundos. Sempre escondida, que a patroa não gostava de crianças.

Excelente senhora, a patroa. Gorda, rica, dona do mundo, amimada dos padres, com lugar certo na igreja e camarote de luxo reservado no céu. Entaladas as banhas no trono (uma cadeira de balanço na sala de jantar), ali bordava, recebia as amigas e o vigário, dando audiências, discutindo o tempo. Uma virtuosa senhora em suma — “dama de grandes virtudes apostólicas, esteio da religião e da moral”, dizia o reverendo.

Ótima, a dona Inácia.

Mas não admitia choro de criança. Ai! Punha-lhe os nervos em carne viva. Viúva sem filhos, não a calejava o choro da carne de sua carne, e por isso não suportava o choro da carne alheia. Assim, mal vagia, longe, na cozinha, a triste criança, gritava logo nervosa:

— Quem é a peste que está chorando aí?

Quem havia de ser? A pia de lavar pratos? O pilão? O forno? A mãe da criminosa abafava a boquinha da filha e afastava-se com ela para os fundos do quintal, torcendo-lhe em caminho beliscões de desespero.

— Cale a boca, diabo!”

“Certo dezembro vieram passar as férias com Santa Inácia duas sobrinhas suas, pequenotas, lindas meninas louras, ricas, nascidas e criadas em ninho de plumas.

Do seu canto na sala do trono, Negrinha viu-as irromperem pela casa como dois anjos do céu — alegres, pulando e rindo com a vivacidade de cachorrinhos novos. Negrinha olhou imediatamente para a senhora, certa de vê-la armada para desferir contra os anjos invasores o raio dum castigo tremendo.

Mas abriu a boca: a sinhá ria-se também... Quê? Pois não era crime brincar? Estaria tudo mudado — e findo o seu inferno — e aberto o céu? No enlevo da doce ilusão, Negrinha levantou-se e veio para a festa infantil, fascinada pela alegria dos anjos.

Mas a dura lição da desigualdade humana lhe chicoteou a alma. Beliscão no umbigo, e nos ouvidos, o som cruel de todos os dias: ‘Já para o seu lugar, pestinha! Não se enxerga’?

(...)

Era de êxtase o olhar de Negrinha. Nunca vira uma boneca e nem sequer sabia o nome desse brinquedo. Mas compreendeu que era uma criança artificial.

— É feita?... — perguntou, extasiada.

E dominada pelo enlevo, num momento em que a senhora saiu da sala a providenciar sobre a arrumação das meninas, Negrinha esqueceu o beliscão, o ovo quente, tudo, e aproximou-se da criatura de louça. Olhou-a com assombrado encanto, sem jeito, sem ânimo de pegá-la.

As meninas admiraram-se daquilo.

— Nunca viu boneca?

— Boneca? — repetiu Negrinha. — Chama-se Boneca?

Riram-se as fidalgas de tanta ingenuidade.

— Como é boba! — disseram. — E você como se chama?

— Negrinha.

As meninas novamente torceram-se de riso; mas vendo que o êxtase da bobinha perdurava, disseram, apresentando-lhe a boneca:

— Pegue!

Negrinha olhou para os lados, ressabiada, como coração aos pinotes. Que ventura, santo Deus! Seria possível? Depois pegou a boneca. E muito sem jeito, como quem pega o Senhor menino, sorria para ela e para as meninas, com assustados relanços de olhos para a porta. Fora de si, literalmente... era como se penetrara no céu e os anjos a rodeassem, e um filhinho de anjo lhe tivesse vindo adormecer ao colo. Tamanho foi o seu enlevo que não viu chegar a patroa, já de volta. Dona Inácia entreparou, feroz, e esteve uns instantes assim, apreciando a cena.”

“(...)

Terminadas as férias, partiram as meninas levando consigo a boneca, e a casa voltou ao ramerrão habitual. Só não voltou a si Negrinha. Sentia-se outra, inteiramente transformada.

Dona Inácia, pensativa, já a não atazanava tanto, e na cozinha uma criada nova, boa de coração, amenizava-lhe a vida.

Negrinha, não obstante, caíra numa tristeza infinita. Mal comia e perdera a expressão de susto que tinha nos olhos. Trazia-os agora nostálgicos, cismarentos.

Aquele dezembro de férias, luminosa rajada de céu trevas adentro do seu doloroso inferno, envenenara-a.

Brincara ao sol, no jardim. Brincara!... Acalentara, dias seguidos, a linda boneca loura, tão boa, tão quieta, a dizer mamã, a cerrar os olhos para dormir. Vivera realizando sonhos da imaginação. Desabrochara-se de alma.

Morreu na esteirinha rota, abandonada de todos, como um gato sem dono. Jamais, entretanto, ninguém morreu com maior beleza. O delírio rodeou-a de bonecas, todas louras, de olhos azuis. E de anjos... E bonecas e anjos remoinhavam-lhe em torno, numa farândola do céu. Sentia-se agarrada por aquelas mãozinhas de louça — abraçada, rodopiada.”

Em outra turma, foram ministrados seminários, que seguiram proposta idêntica à da atividade escrita. Ambas as atividades, foram bem sucedidas: os alunos puderam observar que mesmo em se tratando de obras literárias escritas por autores diferentes, a temática – mesmo no texto de Monteiro Lobato – do racismo e do preconceito social, e, mais do que isso, ampliaram seus horizontes de leitura.

3. Referências bibliográficas:

- CANDIDO, Antonio. Literatura e cultura de 1900 a 1945. In: _____. *Literatura e sociedade*. 9. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006. p. 123.
- JOUVE, Vincent. *A leitura*. Traduzido por Brigitte Hervot. São Paulo: Editora UNESP, 2002. p. 18; 19.
- KLEIMAN, Angela. *Texto e leitor: aspectos cognitivos da leitura*. 12.ed. Campinas, SP: Pontes, 2009. p. 13; 14-5.
- LAJOLO, Marisa. *A figura do negro em Monteiro Lobato*. Disponível em: <http://www.unicamp.br/iel/monteirolobato/outros/lobatonegros.pdf>. Acesso em: 30 set. 2012.
- LIMA BARRETO, Afonso Henriques de. *Clara dos Anjos*. São Paulo: Martin Claret, 2003. (Coleção A obra-prima de cada autor).
- MONTEIRO LOBATO, José Bento. Negrinha. In: OLIVEIRA, Clenir Bellezi de. *Arte literária: Portugal – Brasil*. São Paulo: Moderna, 1999. p. 366-9.
- SILVA, H. Pereira da. *Lima Barreto, escritor maldito*. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira; Brasília: INL, 1981. p. 99. (Coleção Retratos do Brasil, v. 151).
- SILVA, Lilian Lopes Martin da. “Às vezes ela mandava ler dois ou três livros por ano”. In: GERALDI, João Wanderley (Org.). *O texto na sala de aula*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2002. p.82.